

Contos e Lendas de Pace

Os Reinos Ameaçados

Lucas Petri Gonçalves

Ilustração

Leonardo T. Amaral

Copyright © 2020 by Lucas Petri Gonçalves

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros. Esta é uma obra meramente fictícia, qualquer semelhança com fatos, situações ou pessoas é mera coincidência.

Cachoeiro de Itapemirim – ES

Índice

| | |
|--|-----|
| Prólogo..... | 7 |
| Capítulo 1 – Sonhos coloridos..... | 18 |
| Capítulo 2 – As crianças..... | 26 |
| Capítulo 3 – Anos passados..... | 35 |
| Capítulo 4 – Os pradarianos..... | 45 |
| Capítulo 5 – O inverno está chegando..... | 55 |
| Capítulo 6 – A lealdade dos lobos..... | 66 |
| Capítulo 7 – O grande reinado..... | 78 |
| Capítulo 8 – Os que veem de cima e os que veem de baixo..... | 85 |
| Capítulo 9 – Quem realmente ameaça a paz?..... | 94 |
| Capítulo 10 – O outro lado da muralha..... | 107 |
| Capítulo 11 – Alguém deve sujar as mãos..... | 114 |
| Capítulo 12 – Soldados pelo reino..... | 122 |
| Capítulo 13 – Caminhos ondulantes e tortuosos..... | 129 |
| Capítulo 14 – Salvadores..... | 136 |
| Capítulo 15 – Em meio a escuridão..... | 141 |
| Capítulo 16 – De volta ao caos..... | 148 |

| | |
|--|-----|
| Capítulo 17– Amigos perdidos..... | 157 |
| Capítulo 18 – Terras devastadas..... | 166 |
| Capítulo 19 – Demônio de dentro..... | 171 |
| Capítulo 20 – Criações profanas..... | 182 |
| Capítulo 21 – Seus amigos..... | 192 |
| Capítulo 22 – O que há depois do sofrimento..... | 202 |
| Capítulo 23 – Sacrifícios em vão..... | 212 |
| Capítulo 24 – Onde o mal habita..... | 223 |
| Capítulo 25 – Dilema..... | 230 |
| Capítulo 26 – O dever dos adultos..... | 237 |
| Capítulo 27 – Desejo de morte..... | 247 |
| Capítulo 28 – O fim do truque..... | 256 |
| Epílogo..... | 267 |

Agradecimentos

A primeira pessoa a quem devo agradecer é, obviamente, minha mãe. Mães nos amam incondicionalmente, amor este que nenhuma outra pessoa terá por nós. Mães sempre desejam nosso crescimento e incentivam nossa busca por tudo que nos traz felicidade. Com minha mãe não foi diferente.

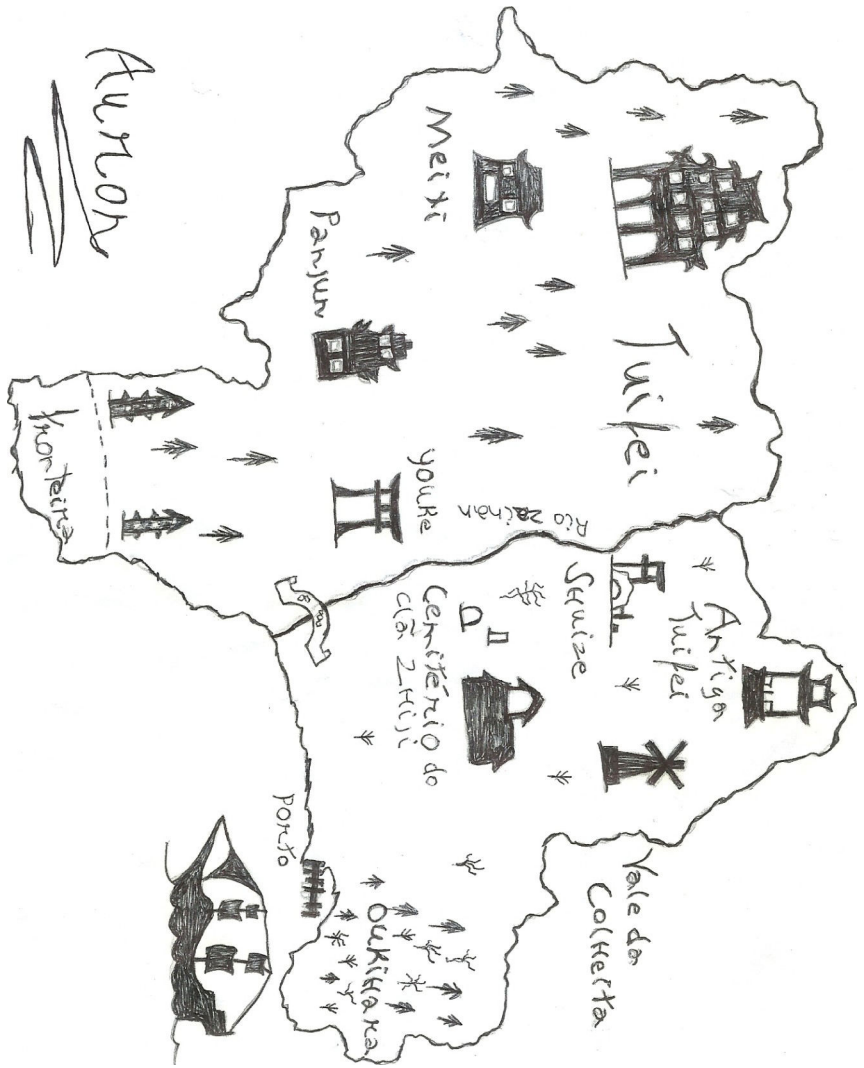
Agradeço ao meu pai por ter adquirido todos os meus livros até então. São obras grandes e sei que muitas não agradavam diretamente seu gosto. Mesmo assim, gastou boa parte do seu tempo livre para ler e corrigir erros na minha escrita.

Agradeço aos meus dois amigos que mais me incentivaram a escrever, Alan e João Pedro, amigos e irmãos, desde a época do ensino fundamental. Foram os primeiros a adquirirem meus livros físicos.

Agradeço também ao meu ilustrador, Leonardo, por dedicar um bom trabalho para minhas capas. E, falando em ilustrador, queria agradecer imensamente ao meu amigo Carlos, por ter feito meu primeiro mapa no CorelDraw (foi na faculdade e eu estava lá com ele! Foram horas de trabalho).

Por fim, agradeço aos meus amigos online que leram meus livros e me deram valiosas dicas para crescer como um escritor.

Sem todas essas pessoas que citei, talvez eu ainda tivesse escrito meus livros, mas talvez não com tanta paixão e dedicação.



Prólogo

“A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo.” H.P. Lovecraft.

Em Pace existe um ditado popular antigo:

“Uma criança pergunta a seus pais tolos o que eles temem, e eles respondem: a morte. Uma criança pergunta a seus pais sensatos o que eles temem, e eles respondem: o tempo.”

O tempo e a morte são duas metáforas que andam de mãos dadas. Para os animais que pensam, podem ser facas de dois gumes. Os humanos temem não ter tempo. Eles correm, se programam, seguem calendários, desviam o curso natural da vida e, quando a morte bate à porta, a temem por ter perdido tempo.

Os lobos nunca temeram nenhum. Nem o tempo, nem a morte. Para estes, representam os dois lados de uma única moeda. As aranhas não contam os dias para trocar de carapaça, os pássaros não contam as estações para migrarem e os ursos não esperam a hora certa para acumular gordura para hibernar. Tudo acontece quando deve acontecer. Ainda sim, um dia o tempo acaba e a morte vem. Mas para os lobos, a figura do Ceifador carrega a compaixão mal compreendida. Mesmo que ele leve alguns cedo demais, seu propósito sempre foi e sempre será tirar o cansaço das vidas que passaram de seu tempo.



Cem anos se passaram depois que Kenrris fora selado no fundo das terras amaldiçoadas de Zifang. O selo enfraqueceria neste período e, como prometido, Benavi estava de volta ao continente para fortalecer a magia mais uma vez.

Como era de se esperar, em tanto tempo desde a última vez, as terras do norte estavam renovadas. Uma brisa calma e fria soprava o vasto campo gramado à frente do viajante, que conduzia uma carroça ao lado de alguém.

- *“Eu preciso de um amigo fácil de conversar”* – a jovem moça cantarolou.

- *“Eu preciso”* – Benavi respondeu no mesmo tom.

- *“Com ouvidos que possa me emprestar”*.

- *“Eu preciso”*.

- *“Eu acho que você serviria”*.

- *“Eu acho”*.

- *“Mas preciso que me dê uma dica”*.

A viagem era muito mais tranquila do que o elfo imaginara.

Sem vestígios de uma dura batalha ou dos invasores de Zifang, as antigas estradas estavam livres da atmosfera pesada que um dia ali pairou. Os pássaros cantavam em cada árvore naquela manhã antes de meio-dia. O céu nublado dava um leve

toque melancólico ao ambiente, mas ainda sim estava cheio de vida.

Casualmente corria uma doninha pelo mato alto, caçando um pequeno camundongo e chamando atenção para o que era realmente predominante naquele lugar: o verde da vegetação, visto em todas as direções no verão ameno regional.

- É estranho como as coisas mudam muito de um continente para outro – a moça comentou. – Nunca vi um verão tão frio. Imagine o inverno!

Benavi olhou-a com o canto dos olhos, esboçando um leve sorriso.

- E olha que aqui nem neva. Espere até pegar o ápice da estação em Pace do Sul.

O humor do elfo estava tão bom quanto nunca esteve. Não que aquela viagem fosse o motivo. Não teria por que estar contente com uma jornada para um país distante que lhe trazia tantas más lembranças. A sua verdadeira motivação estava ao seu lado, tagarelando sem parar.

- Mas você sabe, Mifandrei, que partiremos daqui antes disso – Benavi continuou. – Na verdade, não queria nem que tivesse vindo. Por causa dele... Mas preciso de sua ajuda para fortificar o selo.

- A verdade é que você não sabe dizer não para mim – ela retrucou brincalhona.

Mifandrei era uma elfa jovem, não muito mais que Benavi. Seus cabelos eram longos e ondulados, de um castanho claro quase loiro, olhos verdes sutis. Alta como o companheiro e nunca deixava de tirar o sorriso do rosto.

Benavi olhou para a barriga relativamente grande que a parceira carregava e aflagava com afeto.

- O Auron chuta muito?

Ela riu.

- E quem disse que vai ser menino?

- Essas coisas as mães não conseguem prever?

- Não é assim que funciona – a elfa dizia calmamente enquanto puxava a mão do companheiro para sentir o filho.

- Viu? Ainda não está grande o bastante para chutar.

Benavi se envolveu com Mifandrei por acaso, e não poderia ter sido diferente. Amargo com a vida que levava, o elfo era do tipo que selecionava até demais suas amizades. E todos que o conheciam bem deveriam ser pessoas pacientes, pois precisavam saber que o jovem possuía seus períodos de altos e baixos.

Foi numa tarde como outra qualquer, cuidando de afazeres na casa, que seu avô Minus bateu à porta e apresentou-lhe a nova moradora de Rufim.

Não foi um começo comum de casais que se apaixonam à primeira vista. Benavi, empenhado em julgar todos ao seu redor, foi apenas cortês ao oferecer à moça para mostrar a cidade.

Mifandrei vinha da Capital. Não demonstrava em suas atitudes a tristeza que carregava com o pouco caso de seus pais, que desejavam para a elfa um futuro garantido herdando os negócios da família e um casamento arranjado com outro elfo de nome e boa casta.

Mifandrei estava quebrada quando chegou e viu em Benavi o mesmo olhar triste e oculto. O que ela precisava, podia oferecer àquele rapaz e talvez receber de volta.

Surpreendentemente, não demorou muito para externarem o que sentiam um pelo outro. Poucos anos depois, uma nova vida estava a caminho. E provavelmente nasceria assim que chegassem em casa, seguros.

Perdido em pensamentos, fingindo ouvir o que a elfa dizia, Benavi nem notou quando passaram pelos portões destruídos da antiga Tuifei.

- Pelo visto as pessoas ainda não tiveram coragem de voltar para cá – Mifandrei conjecturou depois de virar seu olhar para o parceiro. – Ei! Você está me ouvindo?

- Não... Sim! Sim! As pessoas parecem estar receosas ainda – concordou, disfarçando sua falta de atenção.

A elfa ergueu um cenho.

A cidade não estava nada parecida com o que era há cem anos. A vegetação tomara conta das ruas e as casas estavam bem mais destruídas por conta das intempéries.

Desde que chegaram às terras do leste de Zifang, não viram uma pessoa sequer, mesmo que fosse um viajante como eles. As terras amaldiçoadas sumiram, mas deram lugar às terras selvagens, onde nenhum humano ainda tomara como lar. Talvez esse processo pudesse levar mais alguns anos.

Benavi conduziu a carroça para o cemitério da cidade, onde estava o selo que prendia o necromante nas profundezas do subsolo, para que não mais espalhasse o caos com suas magias profanas.

Chegando ao destino, o elfo notou que o local era o único praticamente intacto. Diferente da cidade em ruínas, as lápides não se renderam ao tempo, como se, em respeito aos humanos que ali jaziam, a natureza poupava seus túmulos.

O jovem parou a carroça e saltou para o chão, estendendo a mão para ajudar a companheira, que aceitou sem proferir palavras. O silêncio da moça denunciava que aquele ambiente fúnebre não combinava com sua personalidade.

Os dois andaram demãos dadas até um grande mausoléu branco à frente, cujo formato lembrava o que os humanos chamavam de “capela”. Enquanto passavam pelo cavalo que puxava o veículo, Benavi afagou seus pelos brevemente, incentivando-o a manter a calma.

Chegando aos portões firmes de madeira da entrada, não tiveram dificuldades para seguir em frente, já que estes permaneciam ao longo dos anos na mesma posição semiaberta.

Ao entrarem, se depararam com um cenário quase inerte. Muito diferente do lado de fora. O único movimento era visto nas minúsculas partículas de poeira que navegavam à luz tênue do Sol que adentrava os vitrais, cujos não resistiram ao tempo como as lápides o fizeram.

Ao fundo havia uma grande mesa de madeira e um púlpito, logo atrás as prateleiras de livros arruinadas, espalhadas aos pedaços sobre o chão frio de pedra. Além delas havia a fenda, não mais ocultas, da mesma forma que Benavi deixara da primeira vez que pisou naquela construção.

Eles se aproximaram mais uma vez e o rapaz pegou sobre a mesa uma tocha antiga com a ponta enrolada com trapos. Estendeu o artefato para a companheira, que ergueu a mão e acendeu-o com suas chamas. Os elfos enxergavam bem na penumbra, mas era impossível ver algo no completo breu.

Os dois passaram pela fenda e desceram as escadas disformes. Alguns segundos de cuidadosas passadas foram necessários para enfim vislumbrarem a sutil luz azul no fundo da passagem. Quando chegaram, a primeira coisa que notaram fora o grande círculo arcano luminoso, com escrituras ao longo de sua borda.

- É minha vez, certo? – Mifandrei perguntou retoricamente.

Ela ergueu as mãos sobre o selo e começou a proferir as palavras do encanto que o parceiro lhe revelara. Todavia, uma presença repentinamente desviou a concentração de Benavi. Era uma sensação confusa, mas o incomodava.

- Espere – ele pediu erguendo a mão livre. – Tem alguma coisa errada.

A companheira parou, sem entender o que ele queria dizer. Ele pareceu refletir sobre isso por alguns segundos.

- Não é estranho que o cemitério inteiro estava agitado quando chegamos?

- Agitado? – ela parecia incrédula ao ouvir as palavras do parceiro.

- Pássaros voando, insetos cantando, lagartixas caminhando pelas árvores...

Mifandrei ainda parecia perdida.

- Como pode haver tanta vida perto de um selo que guarda uma criatura maligna tão poderosa? – ele pareceu perder a paciência.

- Esse é um dos efeitos do selo, eu suponho –devolveu, como se o raciocínio do elfo fosse ilógico.

- Não – Benavi foi firme. – Os animais podem pressentir perigos com mais facilidade que nós. Há algo de errado com Kenris. Mas ele ainda está vivo.

O rapaz passou a mão nas costas, por baixo das costelas.

- Minha maldição ainda está aqui – fez uma breve pausa. – Rompa o selo. Preciso saber se ele ainda está aí.

- O quê? Você vai abrir as portas para o elfo mais poderoso de Merano? Que quase conquistou Pace inteira?

- Ele não tem um corpo físico habilitado para ser uma ameaça.

Mifandrei pensou um pouco antes de responder.

- Com todo o respeito ao seu tio, Ben, mas Kenrris pode ter se apossado do corpo dele faz tempo. E um necromante do calibre dele não precisa de mais nada para manter-se de pé.

O jovem sacou sua rapieira e apontou novamente para o selo.

- Então estarei preparado.

Não havia nada que pudesse falar para impedir Benavi. Ela então se afastou enquanto proferia outra sequência de palavras. Instantes depois o círculo mágico foi perdendo o brilho até desaparecer. O rapaz tocou sobre a superfície da grande rocha que bloqueava o caminho, fazendo força para movê-la. Para seu azar, em vão.

- Uma última ajuda aqui – pediu enquanto gesticulava com a cabeça em direção à pedra que se recusava a sair do caminho.

Mifandrei estendeu mais uma vez suas mãos, até uma forte onda invisível deslocar a rocha do lugar. Telecinese não era um poder que qualquer elfo podia usar. Requeria muitos anos de prática, além de aptidão nata para magias de suporte.

Benavi agradeceu e passou pela larga entrada.

Do outro lado havia o extenso salão que conhecia muito bem. Não raramente sonhava com a cena de seu tio ficando para trás, ou dos enormes trolls que combateram naquele local. Tudo, no entanto, estava silencioso e escuro.

Sua tocha iluminava cerca de um metro e meio a frente e o resto era ofuscado pelo breu. Mas do ponto onde estava, conseguia ver a sacada parcialmente desmoronada e as escadas que levavam ao andar inferior. Visualizou antes de cima da sacada para baixo, mas como já esperava, era impossível enxergar alguma coisa.

Ele estendeu a mão para a moça, que a tomou receosa, e então foram pelo caminho mais fácil.

Quando chegaram ao final da escada, pisaram no solo arenoso do fundo da caverna. Era assustador não saber exatamente no que estava pisando.

Subitamente um ar pesado com cheiro de cadáver invadiu os narizes dos companheiros. A jovem tapou seu nariz sem comentar nada.

- Se Kenrris ainda está vivo, há dois corpos de trolls gigantes apodrecendo aqui. Vamos tomar cuidado para não nos aproximarmos muito deles.

Benavi conduzia a parceira para o centro da caverna, onde supostamente deveria haver o que um dia já fora um trono. Porém, uma imagem se apossou de sua mente em um momento. O elfo então percebeu que estava sozinho.

Uma voz distante o chamou.

- Ben.

O rapaz reconheceu imediatamente de quem era.

- Tio! Você está vivo? Onde você está? – indagou quase suplicante.

- Houve uma mudança no curso – a voz respondeu misteriosa. – Falhamos em nossa missão, mas ainda somos engrenagens importantes para o desfecho.

- Falhamos? – o elfo mais novo não compreendia.

- O necromante escapou com seu truque novamente.

- Ben?

Dessa vez quem chamava era Mifandrei. Ao toque da delicada mão em seu ombro, o despertou do que parecia um transe.

- Algum problema? – insistiu.

Benavi virou-se para a companheira em uma calma preocupante.

- Mifandrei – começou – acenda todas as tochas.

A moça pensou em questionar, mas o olhar firme do elfo a pegou de surpresa e ela obedeceu.

Com um estalar de dedos, todas as tochas do segundo andar por trás do parapeito foram acessas instantaneamente, iluminando precariamente o local. Mas com a visão aguçada dos elfos, a penumbra era o suficiente para enxergar tudo ao redor.

Finalmente os dois puderam observar no centro da caverna o que já havia sido o trono onde Kenrris se sentara. Fora isso, não viam sinal de corpos de trolls, tampouco de Din. No entanto, próximo aos restos do trono estava jogado ao chão uma pilha de algo não identificado. Temeroso e preocupado, Benavi andou aos passos largos até a pilha. Quando chegou perto, desabou sobre os joelhos.

Eram ossos envoltos de uma pesada e escura roupa de inverno em farrapos.

Mifandrei se aproximou sem pressa, mas angustiada pelo parceiro. Ela olhou por sobre os ombros do elfo.

- Ele é o... – não sabia como prosseguir.

- O necromante escapou com seu truque novamente – ele repetiu o que a voz em sua mente lhe dissera.

A elfa poderia jurar ter visto uma lágrima de ódio escorrer brevemente pelo seu rosto.

- Temos que nos preparar – o jovem afirmou amargo.

Capítulo 1 – Sonhos coloridos

*“Sempre que houver uma reunião, a separação certamente será seguida. No entanto, essa separação não precisa durar para sempre. Quer uma despedida seja para sempre ou apenas por um curto período de tempo, isso depende de você.” **HappyMaskSalesman, The Legend of Zelda – Majora’s Mask.***

Bem diante de seus olhos havia uma fenda estreita e luminosa, radiando um brilho amarelo e sutil. Era um lugar pavorosamente obscuro, com exceção daquela única fonte de luz. Houve um suspiro prolongado.

A pessoa, cuja sentia aquelas estranhas sensações, deu-se conta da própria existência apenas quando escutou seus próprios sinais de vida. O indivíduo, agora consciente, baixou seu olhar até vislumbrar seu corpo e membros superiores. Suas mãos, abertas e cheias de dedos em movimento, denunciaram sua cor clara, ainda mais destacada em meio à penumbra. Seu porte físico mostrava que agora era outro, e foi o que sua mente, única e original, concluiu.

De qualquer forma, não poderia ficar ali parado. Algo do “lado de fora” a chamava. Ao caminhar, com passos leves e descalços, provocava baques quase inaudíveis, como se a superfície sem fundo onde pisava materializasse algo sólido e liso, da mesma forma que um frio e plano espelho.

Depois de alcançar a luz que a chamava, a pessoa sentiu seu intenso calor e o brilho ofuscar seus olhos. Quando abaixou a mão que lhe protegia a visão, pôde deliciar-se com a imagem destoante a sua frente.

Havia um extenso campo ao lado de fora da escuridão. Até onde a vista alcançava não existiam muitas árvores e a grama alta e seca dava ao ambiente um tom sépia.

O vento gentilmente afagava a vegetação rasteira, que ondulava como a superfície de um lago perturbado por um peixe afobado. Tudo que via, porém, não parecia natural. O tempo corria de forma diferente do que era concebido pelas leis que regem o mundo. Os movimentos eram observados em lapsos, como num piscar de olhos. Um aroma de trigo e terra invadia seus pulmões agradavelmente, induzindo-a a caminhar pela vasta campina.

O farfalhar da vegetação chamou sua atenção e, ao direcionar seu olhar para a origem do som, viu duas orelhas se erguerem entre o capim amarelo. Logo em seguida, uma criatura surgiu. Ela movia-se vagarosamente, deixando rastros de sua silhueta no ar, como se sua presença estivesse pintada sobre um pergaminho constante. Era um lobo.

O animal a observou calma e melancolicamente. Seu pelo era espesso e de uma cor cúprea indescritível. Ele quase se mesclava com o ambiente. Seu olhar sereno, de íris tão âmbar quanto o capim, observou a pessoa tão minuciosamente que a mesma sentiu conhecer o animal de algum lugar.

Satisfeito com a observação, o lobo deu as costas e partiu. A pessoa não fez questão de segui-lo, pois quando olhou para o horizonte viu surgir de trás das partículas densas da atmosfera enormes muros, e por cima deles seguiram-se torres exuberantes. Era um feudo tal qual nunca vira semelhante.

Instintivamente caminhou em sua direção, quando uma grande nuvem branca e bem definida entrou preguiçosamente a frente do Sol. O extinto brilho que refletira sobre o capim dera espaço à sombra e, agora, sem ser ofuscada, a pessoa conseguiu vislumbrar outra figura à sua frente. Parecia a silhueta de um homem, que com uma aura brilhante quase se escondia atrás do próprio brilho.

A pessoa, inconscientemente, ergueu sua mão e chamou pelo seu nome.



Os pássaros cantavam sem parar, chamando todos os companheiros para se aninharem em suas camas. Era crepúsculo e o céu laranja anunciava o fim de mais um dia árduo no campo. Mas não para a jovem moça que acabara de despertar.

Seus olhos preguiçosamente se abriram, voltados para cima. Sua cor amarela refletia as poucas nuvens andarilhas que passavam. Ela piscou algumas vezes para desembaçar a visão.

Naquele instante escuta o som de passos sobre a curta grama em que estava deitada. Virando seu olhar despreocupadamente, viu uma menina mais nova aproximar-se.

- Reilo – ela disse depois de um agradável suspiro. – Tá na hora de voltar pra casa?

A menina pôs uma das mãos na cintura.

- Irmã, não te vi no campo hoje. Não acha que tem dormido demais? Ou de menos à noite?

A moça sentou-se, recostando na macieira que lhe proporcionara a sombra para o descanso. Ficou calada por alguns segundos, então sua irmã a acompanhou, acomodando-se ao seu lado.

As duas admiraram a paisagem adiante. Estavam sobre uma colina bem alta, de onde era possível ver toda a tundra, lar dos lobos de Lorvias e arredores. A primavera havia acabado a pouco, mas o campo ainda refletia todas as cores da estação. Verde, rosa, roxo, vermelho, amarelo. Tudo misturado em uma festa harmônica de deleite para os olhos.

Logo abaixo delas havia uma grande plantação de trigo. O Sol forte liberava o cheiro dos grãos no ar, que era prazeroso de sentir. Pessoas eram vistas colhendo os finos caules com foices e jogando-os em cestas. Era época de colheita. Antes que o outono rigoroso chegasse e secasse as plantações, era preciso coletar a safra. O verão chuvoso havia deixado o trigo saudável. Era um ano de boa produção.

Não muito distante das plantações, havia o pasto com gado e, dentre eles, ovelhas para prover lã, além de cabras para o leite e chiqueiros com porcos. Depois vinha a cidade.

Lorvias era extensa. Suas casas coloridas reluziam a luz da tarde e torres de vigia erguiam-se dos muros que as protegiam. Pinheiros bem ao sul demarcavam o território dos lobos. Além deles havia outras vilas menores e depois destas o território dos alados. Ao norte ficava o mar. O frio mar de Merano, trazendo sua agradável brisa salobra.

- Dias agradáveis assim deveriam existir sempre – Reilo comentou despreziosa.

Sua irmã parecia compartilhar do mesmo sentimento, mas não da mesma perspectiva.

- Eu tenho sonhado muito frequentemente – revelou à caçula. – Temo que chegaram os tempos de mudança.

- De novo esse papo estranho? – A menina indagou erguendo um cenho. – Como sonhos que você nunca se lembra podem representar alguma coisa?

A moça pensou mais um pouco. Talvez a irmã tivesse razão. Melhor seria começar a orar pedindo que os sonhos desaparecessem. Ou que, pelo menos, fossem mais claros.

“Não”, pensou consigo mesma. “É melhor que desapareçam de uma vez”.

Ela levantou-se em um salto, a pequena companheira repetindo o gesto instantes depois.

- De volta para casa? – perguntou, mais animada.

- De volta para casa – Reilo repetiu.

As duas caminharam colina abaixo de mãos dadas, cumprimentando os vizinhos da cidade quando passavam por estes. Alguns também já se retiravam das plantações, recolhendo-se para suas casas.

Chegando aos portões de Lorvias, abertos para o povo transitar, viram uma figura alta e robusta de pé em frente a uma ferraria, aparentemente observando algumas ferramentas sem compromisso. Ferreiros em Lorvias serviam apenas para isso: produzir ferramentas. Lobos não usavam armas ou armaduras.

O homem vestia uma casual túnica branca, combinando com seus curtos cabelos grisalhos. Reilo imediatamente soltou a mão da irmã e correu em direção à figura.

Chegando mais próxima, diminuiu os passos e agiu como uma gatuna, esgueirando-se atrás do homem. Este, no entanto, sentiu ser observado e virou-se repentinamente, dando um grave urro para assustar a menina.

Reilo riu e pulou em seus braços.

- Tio Witte! Quanto tempo!

O lobo retribuiu o sincero afeto com o mais belo sorriso de um familiar.

- Criança, como você está grande! Vai ficar mais alta que a mãe!

Enquanto isso, a outra jovem aproximava-se mais calmamente.

- Olá, tio. Bom vê-lo aqui na cidade.

Witte olhou para a sobrinha mais velha, fingindo descontentamento.

- Você, por outro lado, puxou seu pai. Reilo logo te passará também.

A luz alaranjada do Sol bateu contra os fios de cabelo da jovem, fazendo um belo efeito contra a visão do lobo.

- Mas você é linda como ele. Você sabe que seu pai é bonito, não é? Orgulhe-se disso!

A moça concordou com a cabeça e esboçou um breve sorriso.

Seus cabelos cor de cobre balançaram levemente à repentina e suave brisa que correu pelas ruas ao longo dos portões da cidade. Eles eram levemente frisados, chegando até metade do pescoço. E suas pontas eram grisalhas, como os cabelos do tio.

Ele parou para notar seu semblante e não pôde deixar de comentar.

- O que foi, pequena? Parece triste. Não se preocupe, seu pai voltará em breve.

Ela assentiu mais uma vez, fingindo que esse era realmente o motivo de sua angústia.

- Eu irei para casa daqui alguns minutos. Me esperem lá, sim?

As duas continuaram sua caminhada ao longo da cidade. Foram menos de três minutos andando até chegar a um estabelecimento de dois andares. Em sua fachada havia uma grande placa pendurada com um desenho de uma caneca de hidromel. Ao entrarem, se depararam com o grande salão cheio de cadeiras, um balcão ao fundo e um piano próximo deste. Uma mulher adulta, alta e de postura firme, cabelos brancos e brilhantes, bem como seus cílios, e olhos vermelhos e vivos, a esperavam batendo o pé no assoalho de madeira.

- Icame Lupo Bianco!

As duas pararam repentinamente.

- Ela disse o nome completo – Reilo comentou baixinho para apenas a irmã ouvir.

- Ouvi dizer que matou outro dia de trabalho.

- Ouviu, é? – Indagou, olhando para a caçula.

Reilo deu de ombros.

- É difícil ajudar sua mãe a sustentar a casa?

- Essa casa tem mais lobos que posso contar com os dedos das mãos e pés. Custa me dar uma folguinha?

A mãe puxou o ar para repreender novamente a filha rebelde, mas esta a interrompeu.

- Tudo bem, tudo bem – ela concordou desanimada, apenas desejando pular a parte do sermão. – Eu toco o piano hoje.

Capítulo 2 – As crianças

“Uma tempestade se aproxima. Uma tempestade que vai engolir as crianças, e eu devo resgatá-las do reino da dor. Eu vou levá-las até suas portas de casa. Vou mandar os monstros de volta para as profundezas...”
DonnieDarko, Richards Kelly.

O Sol já havia se posto a mais de uma hora. O fogo das tochas crepitava e bruxuleava sombras em uma dança poética e serena. O céu limpo de nuvens exibia seus rios estelares que se estendiam além do que se vê. Naquela época do ano a noite ficava bem mais amena que o dia, soprando ventos frios vindos do litoral oeste. O fato apontava o início próximo do outono.

Do alto de uma torre de, pelo menos, cinquenta metros, um jovem repousava seus cotovelos sobre a sacada de uma extensa varanda. Hora olhava para baixo, para a imensidão escura e verde ao redor do castelo, hora olhava para o céu, procurando qualquer astro que ousasse penetrar na atmosfera e arder em chamas.

Logo abaixo do castelo havia um pequeno bosque que o separava da cidade, esta que mesmo de noite demonstrava inquieta movimentação.

As casas da cidade eram quase todas exuberantes, perdendo-se umas entre as outras. Todas seguiam o mesmo padrão de cores brancas com detalhes das vigas em madeira.

Algumas altas, outras baixas, completamente diferente da cidade do jovem, conhecida como Rufim.

Luzes eram vistas em todo canto e, se não fosse pela altura em que se encontrava na torre, talvez fosse impossível ver os rios de estrelas naquela noite.

Veza ou outra era tomado de surpresa pelo grito agudo de uma criança que brincava nas ruas iluminadas da cidade. Era de fato um lugar bem diferente do interior em que nascera.

De dentro da torre vieram barulhos de passos, tirando o rapaz de seus pensamentos. Mas não fez questão de virar-se e tirar a atenção do cenário a sua frente.

- Como é se sentir excluído da reunião por ser o caçula?

Um jovem aparentemente da mesma idade se aproximou. Cabelos loiros e curtos, penteados para trás. Olhos azuis bem claros, voz suave e levemente zombeteira. Era alto e robusto para o porte comum de um elfo.

- Me responda você. Se estas aqui, é porque te expulsaram.

- Justo – o outro respondeu.

Ele sentou-se sobre a sacada, com os pés virados para o imenso abismo, balançando-os despreziosamente. Notou o olhar vago do elfo ao lado, algo de melancólico em seu semblante.

Você puxou a personalidade do Ben – comentou. – Seu humor ácido comprova.

- Papai? Humorado? – finalmente o outro jovem virou sua atenção para o elfo metido a esperto. – Mais fácil eu ter puxado a vovó.

- Sim. Bem como seus olhos.

Houve uma breve pausa na conversa, até que o elfo de aparência confiante resolveu animar o companheiro.

- Os dois estão passando por momentos difíceis, Tantan. Principalmente nosso pai. Seja paciente.

- Eu sei – o elfo mais novo respondeu depois de um suspiro. – Eu sei.



- Por mais de vinte anos eu avisei! Vocês nunca souberam o tamanho do poder de Kenrris!

Benavi era o tipo de pessoa aparentemente calma. Quando estava mal humorado, geralmente externava com respostas mal educadas ou simplesmente ignorava a pessoa que lhe provocaram. Preferia amaldiçoar alguém em seus pensamentos a perder a compostura. Seu tom de voz naquele momento, no entanto, sugeria que a situação era realmente grave.

- Acalme-se, Benavi – era Minus quem pedia, pela milésima vez.